

# Peri

Autor: Rogério Faria Vieira

As aulas haviam terminado. Eu estou em frente ao grupo escolar esperando pelo amigo Carlinhos, vizinho com os mesmos 10 anos de vida que eu. Ambos cursamos a quarta série, porém em turmas diferentes. Eu espero com a desconfiança crescente de que ele já esteja em casa. Afinal, sua tolerância ao ambiente fechado, à disciplina rígida e às aulas tediosas é menor que a minha.

O fluxo de estudantes radiantes irrompendo pelo portão do grupo diminuíra. Nada do Carlinhos! Espero um pouco mais, até que o intervalo entre retardatários se alonga. Só então, resignado, sigo sozinho para casa pelas ruas pacatas da cidade de 15 mil habitantes, ocupado com minhas preocupações pueris e incomodado com o peso da pasta cheia de materiais escolares e restos de merenda. As mãos se revezam constantemente para segurá-la.

“O Carlinhos não toma jeito!” — repreendo-o mentalmente ao ser perpassado por sentimento de desamparo. No entanto, a expectativa de reencontrá-lo em breve — e também ao Peri —, para juntos nos rendermos ao chamado sedutor da camaradagem e da liberdade, me anima. Acelero o passo. Já ia me esquecendo! O Peri é grande amigo nosso. Dele darei conhecimento mais adiante, pois acabo de chegar à linha do trem, e a vista que se descortina logo que enveredo trilha de terra batida paralela me toma a atenção.

Subo a um dos trilhos. Os olhos, confiantes no equilíbrio do corpo, procuram em volta o verde fulgurante e as cores vivas nele espalhadas, beleza que durante horas tivera nas paredes da escola o sucedâneo monocromo e inexpressivo. O azul forte do céu impera sobre as impetuosidades do clima; tudo é calmaria e silêncio. Na extensa baixada à esquerda, entre a trilha e a Rua de Baixo da vila onde moro, domina o capim alto. Desço do trilho e retiro do vão entre os dormentes uma pedra pequena e chata, e a arremesso de viés em direção ao São Bartolomeu, ribeirão que serpenteia lá embaixo. Muitas vezes o efeito dessa brincadeira é a debandada de maritacas que costumam refugiar-se camufladamente no bambuzal que o margeia. Assento-me sobre um dos trilhos enquanto a pedra viaja. Oh! Lá vão elas! Alguns

bambus reagem ao alvoroço da decolagem coletiva vibrando as pontas dos dedos nas águas calmas. Minúsculos remoinhos brotam na superfície plúmbea, perto dos quais os espectros das maritacas coreografam danças distintas das que cortam o ar. Estas, sim, fazem muito barulho, e ponteiam o céu de verde. A natureza se restabelece plenamente! Sinto então a brisa afagar-me o rosto escarlate e os cabelos finos e úmidos. Fecho os olhos para melhor sentir-lhe a ação, sem alheamento algum além da consonância dos pássaros. Reinício a marcha, agora de mãos dadas com Deus, seduzido e seduzindo-O, interação que garantirá um final de tarde mais alegre ainda quando a nós se juntar o Carlinhos e o Peri.

Este é o amigo a que aludi um pouco antes de me deixar dominar pela magia da natureza. Ele estivera à margem da história até então porque não frequenta grupo escolar. Antes que lhe façam mau juízo, tomando-o por vagabundo, esclareço que se trata de um cão. Não um cão qualquer, posto que vira-lata. Se o cão recebe ao nascer o dom de cativar, o Peri o absorveu em alta dose, pois, na cidade, todos o estimam e respeitam.

Não sei que idade tem ele neste ano de 1965, mas não é jovem. Afirmo isto com base num fato que se deu em 1961 quando eu tinha seis anos. Meu pai, que caminhava comigo e minhas irmãs pela cidade, convidou-me a afagar um cão negro, de porte médio. Disse-me: “Venha, pode passar a mão nele, é manso!... É o Peri!” Gostei de animá-lo e de receber em retribuição uma lambida morna e gosmenta no rosto. (um átimo desse fato foi capturado pela câmara fotográfica do meu pai.) Logo, concluo que ele tenha no mínimo cinco anos. Segundo o Carlinhos, ele já vivera oito, talvez dez anos. O Peri mora com uma senhora numa das três casas que faceiam a linha do trem. A trilha pela qual caminho se alarga em frente a essas casas e, vinte passos adiante, ela morre na Rua do Meio da Vila Giannetti.

Aproximo-me das casas. Não vejo o Peri nas imediações. Mais adiante, na Rua do Meio, dou com ele estirado num gramado sob a copa de *flamboyant*. Acode lépido ao meu chamado. Prudente, não me mete as patas no uniforme; abaixa a cabeça para receber afagos e

enfia o nariz gelado entre minhas pernas enquanto o rabo oscilante e meus lábios distendidos interagem, restabelecendo a comunhão de boas sensações induzida pelo carinho mútuo. Sento-me no meio-fio para acariaciá-lo e descansar os braços. Ele deita-se colado a meu corpo e assenta o focinho sobre as patas dianteiras. Acarinho-lhe os pelos enquanto lhe segredo minhas aflições: as provocações e brigas na escola, o martírio das longas horas sentado em sala de aula e a inveja que lhe tenho da liberdade cabal. Ele ergue a cabeça, e emite grunhidos baixos enquanto me contempla com os olhos castanhos e meigos. Sinto-me reconfortado com sua apreensão e sensibilidade. Levanto-me, recolho a pasta e sigo para casa com o amigo ao lado.

Diante de casa, grito por mamãe. Peço-lhe que prenda a Gasolina, *terrier* que não recebe bem outro cão em seu território. Com latidos altos e estridentes, ela reage à presença do rival. Na varanda, o Peri ajeita-se num canto sem fazer caso da intimidação. Abro a porta com cuidado, pois a Gasolina, após se desvencilhar do jugo de mamãe, arranha-a impetuosamente. Reprendo-a veementemente até que se afaste da porta para eu entrar. Livro-me logo da pasta, jogando-a sobre uma cômoda, e brinco um pouco com a Gasolina. No quarto, troco o uniforme por roupa surrada e quede velho e, com uma sensação gostosa de liberdade, vou direto à cozinha. Lá, sirvo-me fartamente de broa quentinha enquanto respondo às perguntas de mamãe sobre a escola. Saboreio-a com sofreguidão enquanto o leite frio e gordo se lhe junta na satisfação da fome e sede. De volta à varanda, ofereço ao Peri um pedaço generoso da broa. Ele se levanta e vem em direção a minha mão estendida. Abocanha-o gentilmente e lhe dá sumiço ligeiro.

Caminhamos lépidos pela Rua de Baixo para a casa do Carlinhos. Da rua, diante da varanda frontal, grito-lhe o nome, e a confirmação da recepção do recado vem logo em seguida com o habitual “já vou!”. Sento-me num dos degraus da escada que leva à varanda, e esperamos. Ele não demora.

— Ah! O Peri tá com você?!

— Ele tava na Rua do Meio esperando pela gente... Você veio mais cedo hoje?

— Matei as duas últimas aulas! — responde enquanto mastiga um bom naco de pão com manteiga.

— Ah!... Vamos descer para a mina?

O Peri recebe de uma das mãos do Carlinhos um pedaço de pão e da outra um agrado prolongado na cabeça e focinho.

— Vamos... Esses latidos são da Gasolina?

— São! Eu passei em casa com o Peri... Ela tem um ciúme doido dele!

— Cê sabe que o Peri tem medo dela, né!?... Que vergonha!... Um dia desses presenciei uma carreira da Gasolina em perseguição ao Peri. Ele tava passando em frente da sua casa, quando ela saiu a toda pela entrada da garagem e o perseguiu até a esquina da Rua de Meio. Nosso amigo é um medroso...

— Não sei se é medo...

— Também não sei! Esse jeitão dócil que ele tem... Seria ele um cavalheiro?

— É!... Pode ser isso! — e caímos na gargalhada.

Andamos até o final da Rua de Baixo e, logo após o balão, atravessamos uma cerca com dois fios de arame farpado. Descemos uma vereda entre arbustos, moitas de capim e algumas árvores em direção à baixada cortada pelo ribeirão. Nosso espírito se rejubila com o contato direto com terra e plantas. O Peri, na nossa frente, para amiúde e olha para trás, como a nos exigir rapidez, mas ainda estamos de lua de mel com nossos sentidos e não lhe damos atenção. Ele é paciente! Perto da mina, com as orelhas e rabo estirados, posa soberbo com o focinho alteado para bisbilhotar o ar soprado sobre a vegetação. Depois de se manter imóvel por alguns segundos, espreitando algo perto do bambuzal que margeia o ribeirão, ele vira a cabeça em nossa direção e prega os olhos no Carlinhos. Este o entende... e o satisfaz:

— Pega o preá! Pega o preá! Vai Peri! Vai!

Ele dispara em silêncio, enquanto fareja o chão e depois o ar mais alto que as narinas alcançam; se mete ligeiro entre moitas de capim, contorna arbustos e desaparece.

Numa clareira, o Carlinhos e eu brincamos com girinos numa poça formada pela água que cai de uma bica baixa. Também fazemos planos para o resto da tarde enquanto esperamos pelo amigo.

Logo, logo está ele de volta, ereto e pomposo, com um preá que se debate inutilmente sob a pressão calculada dos dentes. Vamos ao encontro dele. Envolve com uma mão a cabeça do roedor e com a outra imobilizo-lhe o dorso e as patas traseiras.

— Solta, Peri! Solta!

Ele relaxa paulatinamente a musculatura da boca até deixar o bichinho preso apenas por minhas mãos pequenas, mas experientes no ofício. O Carlinhos o acarinha enquanto profere palavras jubilosas.

— Muito bem! Muito bem, Peri!

— Você trouxe o saquinho plástico? – pergunto ao Carlinhos.

Tira-o do bolso e passa para mim. Coloco o preá dentro e com uma vareta faço-lhe muitos furos para manter uma boa ventilação do animal. Abaixo-me sobre o amigo; é minha vez de felicitá-lo carinhosamente pelo sucesso.

Nosso plano é vender o preá ao padre Vicente. Como no ano anterior, ele deve estar procurando preá (transfigurado em porquinho-da-índia) para uma das barracas da quermesse que se realizará em breve no pátio ao lado da igreja da Matriz. Nessa barraca, mesa redonda e ampla será contornada por casinhas numeradas, lado a lado, cujas portas atrairão a atenção do preá assustado recém-libertado no seu centro. Vinho fajuto ou frango assado premiará quem apostar uns trocados e acertar o número da casinha onde o preá se abrigará.

Depois de o cão se refrescar na mina, seguimos para a cidade por trilha que dá na Avenida P. H. Rolfs, perto do cine Brasil. De lá, caminhamos outro tanto para chegar à matriz. No adro, indico um canto para o Peri nos esperar. Adentramos a igreja. Próximo ao altar está o sacristão absorto na rotina eclesiástica. Aproximamo-nos dele. Pergunto-lhe, constrangido como no ano anterior — enquanto ergo o saquinho em sua direção —, se o padre nos daria uns trocados pelo porquinho-da-índia.

— Vocês caíram do céu! Deus seja louvado! Hoje pela manhã o padre Vicente comentou que as barracas já estavam quase prontas, mas não sabia como conseguir um porquinho-da-índia. Até perguntou por vocês. Esperem aqui! Vou falar com ele.

Volta sopesando bom volume de moedas, e as deposita no côncavo das mãos unidas e ávidas do Carlinhos. Passo-lhe o saquinho, imediatamente alçado e girado ao nível dos olhos puros e perscrutadores. Logo se lhe esboça um sorriso miúdo, e os meneios afirmativos de cabeça que lhe acrescenta em seguida confirmam a satisfação do sacristão com o estado físico do roedor.

— Não sei como vocês conseguem pegar esse bichinho sem causar-lhe ferimento. Seja como for, é bom saber que não macularam essa obra divina.

— Obrigado! — foi a única palavra que me ocorreu.

Despedimo-nos respeitosamente do sacristão e persignamo-nos humildemente em direção ao altar.

— O que quer dizer macularam? — pergunta-me o Carlinhos enquanto saímos da igreja.

— Eu sei lá!... Espero que o sacristão não tenha feito mau juízo da gente!

— Será!? — e nos benzemos ligeiro ante a conjetura herege construída pelo nosso juízo.

Na praça, em frente à igreja, no deleite de um banco banhado pelo sol da tarde, avaliamos o alcance das finanças. Concluímos, depois da contagem das moedas, que o padre fora sovina.

Pouco tempo depois estamos andando pelo passeio da Rua Artur Bernardes. Paro sob a janela da casa de meu avô, que se entretém com passantes, enquanto o Carlinhos e o Peri continuam a marcha em direção ao bar do Parzanini, um pouco adiante, mas do outro lado da rua.

Minutos depois, reencontro-os. Refazemos as contas ao acrescentar o dinheiro dado pelo vovô ao que o padre premiara o nosso serviço. Agora, sim, poderíamos comprar dois guaranáis, dois sorvetes duplos e um churrasquinho de frango, conforme planejado. Depois de sugarmos com avidez o refrigerante, assentamos no meio-fio e saboreamos devagar o sorvete de creme e em seguida o cone doce e macio. O Peri, num canto de passeio, saboreia o churrasquinho que desprende com habilidade da vareta de bambu, pedaço a pedaço, enquanto é acarinhado de quando em quando por crianças que por ali passam e o reconhecem.

A noite se insinua quando iniciamos a volta para casa. Atalhamos o percurso pela estrada de ferro e, antes de chegarmos à Rua do Meio, nos despedimos do Peri com muitos afagos e tapas carinhosos nas ancas musculosas. Enquanto nos afastamos, ele, assentado num dos degraus que dá acesso a sua casa, nos observa com o corpo rijo, com os olhos fixos e atentos, com as orelhas eretas e ativas, assegurando-se de que os sentidos não negligenciem nenhum gesto positivo de nossa parte para que a alegria do dia se prolongue um pouco mais.

xxxxxxxxxxxx

Ao manusear papeis antigos, tentando organizá-los ou dar-lhes outro destino, deparei com a narrativa acima. Escrita em letras grandes e hesitantes, ocupa várias folhas amareladas. Seria parte de um diário? Não me recordo de ter escrito um. Deitei-me e devorei cada palavra. Revivi a doçura, a inteligência e a lealdade daquele cão que povoou o sonho e a realidade de



minha infância. Subitamente emergiram detalhes de uma caçada ao preá, de águas revoltas, de ganidos, mas eu logo cortei sua sequência. Queria me lembrar apenas de coisas alegres! Abri o álbum de fotografias da família, que tirara de uma gaveta, e pus-me a explorá-lo. Lá estamos: agachado e de olhos fechados, tenho o Peri diante de mim com a língua estirada a caminho do meu rosto faceiro. Esse estímulo disponibilizou-me o tempero da ocasião e um pouco da realidade daquele início de amizade. Deixei-me levar pelas reminiscências, que logo inundaram, com suas águas límpidas e tépidas, o meu espírito outonal.

Não transcrevi acima o que li. A pobreza de vocabulário e sintaxe, os erros de ortografia, de concordância, e muitos outros pecados linguísticos desculpáveis numa criança, me levaram a reescrevê-la. Tentei, porém, manter-lhe a essência que fez brotar em mim a semente há tanto adormecida.

A plantinha cresceu em resposta aos cuidados que lhe dispensei. Nela, consegui, com o auxílio do Carlinhos, distribuir galhos fluorescentes de lembranças. Os frutos não tardaram; doces e numerosos no início da safra, indigestáveis os poucos que sobraram no final; mas colhi todos, e os compartilho agora com o leitor.

xxxxxxxxxxxxx

A caça ao preá era o que mais nos divertia, e ainda rendia uns trocados. Além da demanda religiosa, tínhamos oportunidades de vendê-lo a gringos que chegavam à Vila. Eles vinham dos Estados Unidos para trabalhar na Universidade. Entusiasmavam-se pelo bichinho exótico, que promovemos a melhor *pet* depois do cão (em consideração ao Peri!). Nessas ocasiões, conseguíamos preços estimulantes pelo espécime, pois sem a presença das imagens de divindades nos mirando inquisitivamente, não faltavam bons argumentos para justificar o valor camarada que demandávamos pelo trabalho árduo na captura de tão esquivo e raro roedor.

No inverno, explorávamos o morro que expirava na divisa dos terreiros das casas da rua do meio e da rua de cima. Nele, desfrutávamos, à surdina, as laranjas do pomar imenso da Universidade. Após as chuvas de novembro era tempo de nos esbaldarmos nas jabuticabeiras do professor Juremão, que tomavam quase toda a grota do lado direito da rua dos abacateiros. Esta, de terra batida, fazia a ligação mais curta da Vila com o campus. No jabuticabal, o Peri deitava-se sob a árvore cujos troncos desnudávamos e entretinha seu estômago com as bagas negras que a nossa pressa colhia. No laranjal, ele se fartava com o bagaço que lhe passávamos depois de chuparmos quase todo o sumo adocicado e ácido das laranjas-peras. Em ambos os locais, a presença do amigo nos tranquilizava. Sabedor — sabe-se lá como! — da natureza delituosa de nossas brincadeiras, ele redobrava a atenção com odores e sons. Quando detectava alguém, latidos baixos e roucos nos punham em alerta ou, conforme a circunstância, em disparada morro abaixo, quando estávamos no laranjal, ou morro acima, quando no jabuticabal. Por isso, nunca fomos pegos por Arlindo ou por Chapéu de Artista, *rondas* que vigiavam os pomares da Universidade, ou por Juremão, nas precauções contra os moleques atraídos pelos galhos repletos de bagas lactentes.

Nas manhãs de verão, cedo já estava o Peri nos esperando nas imediações da entrada da rua dos abacateiros. De lá até a piscina da Universidade mediavam 15 a 20 minutos. Chegávamos suados e com um sol estimulante sobre tudo. Obedecendo ao Seu Niquinho, senhor bondoso, mas rígido quanto às normas de uso da piscina, deixávamos o Peri do lado de fora. Ele geralmente nos esperava deitado na grama do corredor entre o aramado e a cerca de ciprestes. De lá, nos via mergulhar, nadar e correr ao redor da água ou pela grama da área ampla ao fundo. Uma vez ou outra nos estirávamos sobre os ladrilhos quentes rente ao aramado para lhe fazer companhia. Estudantes da Universidade, que ainda não o conheciam, chegavam para afagá-lo, saber-lhe o nome e deleitar-se com os casos sobre aquele cão dado, alegre, inteligente e especialista na captura de preás. E ali, nos dias ensolarados, consumíamos

nossa infância no prazer das brincadeiras, na envoltura refrescante da água clorada e na companhia do amigo fiel.

Certo dia, eu voltava da piscina em companhia do Peri. Estávamos na rua dos abacateiros, próximo à casa de Juremão, quando surgiu, após uma curva, um cão alentado, um policial com cara de poucos amigos. Como já estava próximo, a uns dez metros de nós, achei mais sensato seguir em frente do que retroceder. Chamei o Peri para perto de mim e coleime ao barranco, tentando alargar a passagem para o cão que se aproximava com os pelos do dorso eriçados e os dentes expostos e ameaçadores. Tentei intimidá-lo dando algumas ordens com voz firme: “já pra casa! já pra casa!”. Não tive sucesso! Na verdade, ele mostrou-se mais agressivo ao abaixar a parte anterior do corpo sobre as patas. O medo dominou-me, e as pernas começaram a tremer. O Peri, que não se afastou de mim, não esboçava reação, mas tinha um comportamento incomum, algo que hoje eu definiria como um misto de vigilância e apreensão, mas, naquele momento, vi apenas medo naqueles modos. Avistei uma pedra a minha direita, e quando me abaixei para pegá-la, o cão veio em minha direção. Assustado, recuei procurando no chão algum galho para me proteger. De súbito, o Peri interpôs-se entre o medo e a raiva, desembainhou os dentes e, por alguns segundos, deteve o avanço do policial. Foi o tempo necessário para o agressor avaliar a situação e se convencer dos escassos recursos físicos do corajoso cão a sua frente. Convencido, o policial avançou confiante e incontinente sobre o Peri, que o recebeu com ímpeto e destemor. Eles se atracaram numa luta feroz. Eu via, mas não cria nos meus olhos. Não acreditava que o Peri tivesse esse vulcão adormecido dentre dele; um vulcão que entrara em erupção quando seu amigo estava para ser atacado e se borrava de medo. Fiquei momentaneamente paralisado, sem saber o que fazer, vendo o amigo assumir as minhas dores. Quando percebi que a luta se desequilibrava, que a força física predominava sobre o arrebatamento e a coragem, meu vulcãozinho começou a ferver. Embaixo de um abacateiro encontrei um pedaço de bambu e aproximei-me cautelosamente

dos cães. O Peri, com o dorso no chão, revidava, desproporcionalmente, as bocadas do policial. Do focinho e de umas das patas, o sangue vertia em profusão. O estado deplorável do amigo me injetou coragem. Desci com vontade o bambu sobre o dorso do policial. Ganindo, ele se apartou do amigo, e nos ficou mirando de esguelha. O Peri, aparentemente refeito e ao meu lado, exibia-lhe os dentes na boca vermelha, ampliando nosso arsenal bélico. O policial avaliou a situação... e, finalmente, afastou-se ligeiro, humilhado, com o rabo entre as pernas. Chamei pelo Peri e corri em direção à Vila. O amigo, com a língua comprida pendente de um dos lados da boca onde morria o sangue que lhe escorria das ventas, exibia vaidade no corpo rígido, nas orelhas e rabo a pino, no andar altivo e saltitado, mas, às vezes, um espasmo lhe desfazia a pose afetada, mas eu fingia não vê-lo cambalear. De uma forma ou de outra ele era meu herói. Na segurança da rua do meio, abaixei-me e abracei-o emocionado e agradecido. Em casa, minha mãe tratou-lhe as feridas com muito carinho, enternecida com o cão que lhe protegera o filho. A Gasolina, enciumada, latia e arranhava freneticamente a porta do cômodo onde estava presa.

Foi depois desse caso que entendi melhor a personalidade do amigo. Ele era de fato um cavalheiro, um ser gentil e tolerante. Esses modos resumiam fraqueza, mas é que nele a bonomia natural continha o instinto selvagem. Ficou claro que a contenção dos impulsos tem um limite. Naquele dia, o limite foi a integridade física do seu amigo.

Uma vez o Carlinhos e eu resolvemos explorar uma mata e passar o dia em companhia de plantas, insetos e bichos. Saímos no meio de manhã ensolarada. Eu levava corda comprida, garrafa plástica com água e merenda, tudo dentro duma mochila velha. O Carlinhos levava cantil com água, sanduíche, par de luvas de couro e facão. Depois de localizarmos o Peri, seguimos pela rua de cima até um campinho de terra onde jogávamos futebol. De lá seguimos morro acima por trilha paralela a um bambuzal que separava o pomar, à direita, de gleba usada como pastagem. Acima desta ficava a mata fechada, nosso destino. Paramos numa

vereda que, em nível, separava a pastagem do bosque. Ali ficamos por algum tempo nos divertindo com os balanços nos cipós que pendiam de árvores altas. As luvas do Carlinhos, que usávamos alternadamente, nos protegiam as mãos, e o cipó nos levava alto sobre o declive, proporcionando-nos uma sensação gostosa de liberdade e aventura.

Depois de nos fartarmos da brincadeira, adentramos a mata com o Carlinhos à frente clareando o caminho com o facão afiado. O Peri vagueava curioso por perto. À medida que a trilha se esvanecia nossos passos se estreitavam e coleávamos os interstícios de folhas urticáceas, caules espinhentos, cipós rijos e troncos bojudos encimando raízes proeminentes. Não víamos animal algum, só ouvíamos os trinos distantes de pássaros. Mesmo assim, a aventura seguia seu propósito, pois a sensação de medo do contato íntimo com a natureza bruta nos desafiava a coragem, nos espicaçava a curiosidade, nos estimulava o avançamento. Em silêncio, embrenhávamos mata adentro, sempre atentos a ruídos. Temíamos a onça pintada que contavam habitar ali, cuidávamos na ausência de cobras e aranhas nos galhos e moitas ao redor, e parávamos, de onde em onde, para bisbilhotar a uma distância segura um buraco no chão com que defrontávamos. Seguimos assim por quase uma hora até toparmos com pequena clareira, onde pedra grande, solitária, resistia às intempéries do tempo. Sobre ela depositamos os apetrechos e nossos corpos cansados. Permanecemos ali por largo tempo, degustando o lanche, comentando o que víamos, fantasiando a aventura e brincando com o Peri. Depois, não tanto pela curiosidade satisfeita como pelo entorpecimento causado pela fome saciada, resolvemos retornar à Vila. Andamos por mais de duas horas, mas não atinamos com pomar ou pastagem. Com certeza andávamos em círculo, pois a mata não era extensa. Cansados, pelo menos o Carlinhos e eu, e vendo a tarde morrer aos poucos sem que tivéssemos progresso, bateu-nos o desespero. As muriçocas nos importunavam incessantemente, e a lembrança do hábito noturno das onças nos aterrorizava. Estávamos para liberar as primeiras lágrimas de desalento, quando resolvi tentar um recurso. Cingi o pescoço

do Peri com a corda e proferi as palavras que levavam toda nossa esperança: “Pega o preá, pega o preá, vai Peri, vai!”. A reação do cão foi imediata. A corda me permitia mantê-lo em velocidade compatível com a nossa. Minha expectativa era de que, para chegar aos preás, que habitam capinzais em torno de rios, ele teria que passar pela pastagem. Dez minutos depois chegamos lá. Recebemos alegres a brisa e os últimos raios de sol sobre nossos corpos extenuados e feridos. De olhos fechados e de barriga para cima, o Peri desfrutou nossas carícias de agradecimento.

Algumas semanas depois da nossa aventura na mata, em pleno verão de 1967, a felicidade — amiga até então inseparável — resolveu abandonar-nos. Aconteceu durante caçada ao preá. Havia chovido muito, e o ribeirão estava cheio e agitado. O Peri havia se embrenhado no matagal, e o Carlinhos e eu nos divertíamos junto à mina de água, esperando-o. De repente, ouvimos um barulho de algo caindo na água e, logo em seguida, a voz lastimosa do amigo. Apreensivos, corremos em direção aos ganidos. Encontramos o Peri lutando pela vida. Ele tentava vencer a margem declivosa e lodosa do ribeirão enfurecido. Deitei perto da margem e, com o apoio do Carlinhos, que me segurava os pés, deslizei o peito adiante. Estava perto de alcançar uma de suas patas, quando uma onda forte o arrebatou de mim. O Carlinhos, depois de me puxar para a parte alta, afastou-se ligeiro à procura de algo em que o Peri pudesse se apoiar. Eu, sem saber direito que fazer, e não querendo deixar o amigo sozinho, golpeava aflito, com pés e mãos, o capim que me atravancava a movimentação, e gritava-lhe palavras de incentivo na sua luta contra as forças da natureza. Ele reagia aos meus apelos impingindo patadas impetuosas que riscavam a água acobreada e ondeante, tentando se aproximar da margem. Enfim o Carlinhos chegou com um galho de árvore. Lançou-o diligentemente à frente do Peri, cujas patas dianteiras se curvaram sobre um dos ramos. Puxamo-lo devagar, com cuidado. Faltava pouco para trazê-lo à margem, e já sentíamos certo alívio por estarmos perto de contornar situação tão desesperadora, quando o

ramo em que ele se apoiava partiu-se. Os acontecimentos seguintes foram rápidos. Acompanhei-lhe a luta do corpo já cansado com as águas barrentas até que a sinuosidade do ribeirão cortou-me a visão. A última imagem que me ficou na memória foram seus olhos tristes me mirando sob as orelhas tombadas como a me rogar “faça alguma coisa!”. Tentamos acompanhar a torrente, correndo junto ao ribeirão, na tentativa de reencontrá-lo adiante, mas o capim alto ou o bambuzal estorvavam nossa passagem. Quando vencemos a curva e estendemos a vista pela reta longa de águas revoltas a nossa frente, não o vimos mais. A exaustão demarcou o limite de nossa exploração a jusante.

O último olhar para o ribeirão foi duro e seco. Voltamos calados para casa, mas deixamos para trás muitos galhos e folhas sem o sustento da seiva, bambus acamados e rachados, flores esmigalhadas e quase acertamos pedrada num preá que nos cruzou o caminho e numa maritaca que nos sobrevoou gargalhando.

No horizonte, a tarde morria num fulgor sanguíneo. Este, concebido pelo astro amarelo e sonolento que se ocultava, acompanhou-o, num desfalecimento melancólico, até o fim... e tudo se fez negro!